Brasil e China

Impressões do adido agrícola em Pequim

Esequiel Liuson*

OS GIGANTES da agricultura

Com 21% da população mundial e menos de 9% das terras mundiais cultiváveis, o desafio chinês, para produção agrícola e abastecimento, está sendo superado. Segundo dados publicados pelo seu Ministério da Agricultura (MOA), a produção agrícola no país teve seu auge em 2011.

Do total de 1,33 bilhões de habitantes, 520,2 milhões de pessoas estão no campo, cultivando 121,7 milhões de hectares de terras. A produção de grãos totalizou 570 milhões de toneladas, sendo arroz, milho e trigo responsáveis por 500 milhões de toneladas. As safras de vegetais e frutas totalizaram 677 e 142 milhões de toneladas, respectivamente. Em milhões de toneladas, carne, ovos, leite e produtos aquáticos registraram, respectivamente, 79,5, 27,7, 38,2 e 56,0.

Para fins de comparação, o rebanho brasileiro foi estimado em 34,3 milhões de suínos (2010); 1,2 bilhões de aves; 209 milhões de bovinos; e 20,9 milhões de ovinos e caprinos. Já a produção brasileira foi de 3,45 milhões de toneladas de carne suína (2012); 12,2 milhões de toneladas de carne de aves; 9,1 milhões de toneladas de carne bovina (2009); 1,2 milhão de toneladas de pescado (2010). A produção de grãos, em 2011, foi de 161,5 milhões de toneladas, cultivados em 64,9 milhões de hectares.

Missão em Pequim

Em junho de 2010, desembarquei em Pequim, com a missão de defender os interesses do setor agropecuário e prospectar novas oportunidades, além de encabeçar as negociações sanitárias e fitossanitárias sobre os produtos do campo brasileiro.

Observando números tão significativos, representar o Brasil e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), na Embaixada do Brasil em Pequim, foi uma tarefa de grande responsabilidade. Nestes vinte e sete meses de trabalho, muito foi feito, com conquistas que marcaram o agronegócio brasileiro em Pequim.

China: Rebanho em 2010

Rebanho	Quantidade[1]	Produção[2] de Carne
Suínos	666,8	50,7
Aves[3]	11,0	16,5
Bovinos e bubalinos	47,1	6,5
Ovinos e caprinos	272,2	3,9

[1]Milhões de cabeças; [2]Bilhões de cabeças; [3]Milhões de toneladas.
Fonte: MOA

Diante do gigante asiático, enfrentei as dificuldades naturais de se lidar com um negociador milenar. Foi necessário atenção para detectar espaços para avanços; persistência para identificar e convencer interlocutores; agilidade para aproveitar janelas de oportunidades; e, principalmente, paciência oriental para consolidar e comemorar resultados.

Uma das principais dificuldades para os avanços encontrava-se no campo das negociações sanitárias e fitossanitárias. O processo de habilitação dos produtos e de empresas exportadoras é composto de diversas etapas. As exigências técnicas são específicas e detalhadas, o que, muitas vezes, dificulta o acesso dos produtos brasileiros.

Estrategicamente, para fazer avançar os temas brasileiros na disciplinada e hierarquizada burocracia chinesa, os mesmos foram conduzidos a partir de uma agenda predefinida e exaustivamente repetidos ao interlocutor chinês. Tentar incluir muitos temas, ou temas novos, tornava o diálogo improdutivo, uma vez que o lado chinês, em geral, não reage a propostas feitas de improviso ou, se o faz, na maior parte das vezes, usa expressões que levam o interlocutor a uma falsa sensação de que houve avanços.

Minutas de reuniões preparadas e negociadas antecipadamente mostram-se mais efetivas do que discussões realizadas somente durante os encontros oficiais. A negociação e conclusão prévias dos textos, para que, durante os encontros formais, os mesmos fossem apenas firmados, mostraram resultados mais sólidos.

A impressão é de que os representantes chineses não querem ou não têm autonomia para alterar instruções já recebidas. Surpresas ou temas novos durante os encontros, quando se buscam rápidas decisões do lado chinês, geraram constrangimento e poucos resultados concretos.

Resultados alcançados

Tive a felicidade de acompanhar, de 2010 a 2012, a evolução do comércio agrícola entre Brasil e China. Os resultados vieram naturalmente e diversas foram as conquistas, dentre as quais podemos enumerar:

- A abertura do acesso para a exportação de carne suína brasileira ao mercado da China. Foram habilitados os primeiros três frigoríficos, em 2011, e anunciados mais dois novos habilitados, em 2012.

- A ampliação do acesso para exportação de carne de aves. Uma missão chinesa de auditoria visitou frigoríficos brasileiros, em março de 2012, e indicou mais cinco deles para ser aprovados. O número total de estabelecimentos brasileiros exportadores passaria de vinte e cinco para trinta. Isso deverá manter o País como principal exportador de frango para a China, posição já alcançada desde 2011.

- Um maior acesso para exportação de carne bovina brasileira. No início de 2011, passamos de três para oito frigoríficos exportadores aprovados e temos a expectativa de alcançar dezessete, faltando apenas uma decisão da Administração Geral de Supervisão da Qualidade, Inspeção e Quarentena da RPC (AQSIQ).

- A conclusão do processo para exportação de tabaco oriundo dos estados da Bahia e Alagoas.

- A conclusão do processo de acesso para carne e pele de asininos.

- A confirmação do acesso dos produtos lácteos brasileiros à China.

- A manutenção dos fluxos de exportação dos principais produtos já exportados, como a soja, óleo de soja, açúcar, suco de laranja, algodão e *pet food*, dentre outros.

Próximos passos

No campo do comércio exterior agrícola entre o Brasil e a China, sempre podemos esperar novidades. A conclusão do protocolo para exportações de milho, a abertura para exportações de folha de tabaco dos estados do Paraná e Santa Catarina, a exportação de sêmen e embriões de bovinos, gado de leite vivo, gelatina, além de frutas cítricas, são conquistas que podem estar próximas. Para alguns destes setores, estão previstas, ainda para 2012, visitas de delegações de técnicos chineses ao Brasil, para dar continuidade aos processos de habilitação dos produtos, parte fundamental para o acesso ao mercado chinês.

Existe também a expectativa de ocorrer, em 2013, conforme consta no Plano de Ação Conjunta (PAC) 2010-2014, duas reuniões em Pequim: a da Subcomissão de Supervisão da Qualidade, Inspeção e Quarentena e a da Subcomissão de Agricultura. Ambas as subcomissões integram a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN). Esses encontros das autoridades de elevado nível de ambos os países são oportunidades para alavancar os avanços no comércio bilateral dos produtos agrícolas.

A combinação para o sucesso é uma preparação técnica antecipada e detalhada, associada a um elevado nível político. Manter um fluxo regular de visitas entre autoridades de Brasília e Pequim é uma ação fundamental para acelerar os resultados desejados. Deve-se elencar as prioridades de curto, médio e longo prazo, identificar os interlocutores, delinear planos de implementação e definir uma agenda de trabalho. Com o trabalho técnico bem embasado, deve-se insistir nos temas de interesse durante os encontros técnicos e aproveitar os encontros de alto nível para firmar e concluir os processos.

Conclusão

Dois anos e meio rapidamente se passaram. Concluí minha missão de representar o MAPA e o agronegócio brasileiro com a certeza do dever cumprido e retorno com resultados concretos do empolgante trabalho pioneiro realizado na China.

Creio que as positivas relações do comércio agrícola entre o Brasil e a China só têm a crescer e ser preservadas, tendo em mente os investimentos já realizados e as oportunidades a médio e longo prazo.

Assim como os chineses, que procuram sempre apresentar os temas como *win-win situations*, em busca do benefício mútuo, podemos também buscar juntos oportunidades para os diversos setores do agronegócio brasileiro. ■



SXC.HU

Este artigo reflete a opinião do autor e não da instituição que representa.

*Médico veterinário e fiscal federal agropecuário do MAPA